

TABULEIRO DE LETRAS

O duplo

Um tal Julio: cronópio duplicado

Le double

Un tel Julio: un cronopio en double

Cristina Rosa Santoro¹

RESUMO:

Em quase toda a obra de Julio Cortázar percebe-se a construção de uma particularidade presente: o duplo. Paris x Buenos Aires, o rio de La Plata x o rio Sena, as pontes, um lado e outro das margens dos rios e do oceano que separam lugares de vivência do próprio autor e que se tornam as chamadas *dos orillas*, que terminam por construir um caleidoscópio, um movimentado jogo proposto pelo ficcionista em sua obra e para o qual o leitor é convidado a participar. Apreciaremos que o tópico do duplo alude à épocas antiquíssimas, sendo apenas tradução do problema da ameaça de morte do eu. O duplo adota diversas formas e manifestações: espelhos, reflexos, sombras de diversos planos inaugurando imagens deformadas, aparecendo e fazendo alusão aos caleidoscópios de Narciso. A maior parte dos estudos realizados na Europa do século XX sobre o duplo privilegia o ângulo psicológico, a começar pela interpretação psicanalítica de Otto Rank ao relacionar os diferentes aspectos do duplo na literatura com o estudo da personalidade dos autores. Otto Rank sustenta que o medo da morte nos inspira para inventar a ideia de um duplo: essa obscura réplica de nós mesmos que, segundo se diz, sobrevive num mundo fantasmagórico, ou *outro* mundo. Na visão de Rank, duplicar a imagem do eu é trabalho de uma negação narcisista da ideia de extinção pessoal. Otto Rank, psiquiatra, analisou os traços psicanalíticos dos autores na sua pesquisa baseada na literatura, salientando as características das personalidades dos escritores em questão. Rank desenvolve a ideia da literatura como tradução e reflexo da personalidade dos narradores e a ilustra a partir de exemplos das vidas dos autores e das análises de trechos significativos das narrativas. O fato de Rank salientar a aparição ou desdobramento do eu como figura e motor de criação narrativa, torna-se evocativo de várias das características do narrador cortazariano. Na abordagem da problemática do duplo em Cortázar, o tema do desdobramento ilustra-se a partir de uma lembrança - vivência de alucinação (e desdobramento) de Cortázar. O duplo, que se revela nos textos é, portanto, resultado da vivência do autor, que transita entre as duas margens literais e metafóricas. Em Julio Cortázar a escrita é catarse, exorcismo, pulsão, massa narrativa em constante pugna: contra e para outro. O duplo é figura central de nossas reflexões, seja como elemento provocador de impotência – rankiana –, seja como causante de insegurança diante à castração –freudiana- (percebida pelo ser e o texto), todas essas temáticas estando extremamente presentes nos estudos literários, mas também nas abordagens psicanalíticas tanto rankianas, freudianas, quanto lacanianas: análises psico-literárias sempre numa tentativa de descrição da formação do ser, e que para a nossa análise se tornam bases para a compreensão da construção textual, da

¹ Doutoranda na Universidade Federal da Bahia - UFBA, Brasil, Doutorado em Literatura e Cultura. Professora ELE (Español para extranjeros) setor de ES na UFBA. E-mail: crissan2002@hotmail.com

passagem/construção para a narrativa traduzida. Trata-se portanto, de uma analogia ‘ser-texto’ singular que nos leva a pensar no ato tradutório como uma figura especular, como um narciso que se desenha, segundo Cortázar, ‘em tiras de palavras’, como uma ponte de linguagem: de um ser para um outro, de uma margem para a outra, de um narrador para o seu leitor, de um narrador para o narrado, de um texto de partida (o original) para o seu texto duplo, o texto traduzido. Analogia ‘ser-texto’ que nos abrirá as portas para esse jogo da amarelinha onde a primeira pedra será jogada desde o texto de partida para vivenciar a tensão criativa, esse *coágulo* cortazariano, essa *angústia* na passagem, essa mimese, essa identificação e repulsa diante do outro -o duplo- na procura e tentativa de atingir o Céu: o texto traduzido.

Palavras-chave: Duplo; Texto; Tradução

RÉSUMÉ :

Le long de toute l’œuvre de Julio Cortázar, on perçoit la présence du double: Paris x Buenos Aires, la rivière de La Plata x la Seine, les ponts, un côté et l’autre des rives des fleuves et de l’océane en séparant les lieux de la vie de l’auteur et devenant ainsi ce qui se connaît par *les orillas*. Particularités qui construisent un caléidoscope, un mouvement, un jeu proposé par cet auteur des fictions dans son œuvre tout en invitant le lecteur à y entrer en tant que participant. On appréciera que jadis le double devient traduction du problème de la menace de la mort du moi. Le double adopte des formes et des manifestations diverses: des miroirs, des reflets, des ombres à des images déformées et qui font allusion aux caléidoscopes de Narcisse. La plupart des études faites en Europe au XX siècle sur le double privilégie l’aspect psychologique. Ainsi, l’interprétation psychanalytique d’Otto Rank met en rapport les différents aspects du double dans la littérature avec l’étude de la personnalité des auteurs. Otto Rank soutient que la peur de la mort nous inspire à inventer l’idée d’un double: cette obscure réplique de nous mêmes survivant à un monde fantasmagorique, ou *un autre* monde. Selon Rank, doubler l’image du moi est une négation narcissiste de l’idée d’extinction personnelle. Otto Rank, psychiatre, dans ses recherches basées sur la littérature, analysa les traces psychanalytiques, en soulignant les caractéristiques des personnalités des écrivains cités. Rank développe l’idée de la littérature comme traduction et reflet de la personnalité des écrivains, et il l’illustre à partir des exemples des vies des auteures et des analyses des paragraphes spécifiques. Rank fait remarquer l’apparition ou dédoublement du moi comme figure et moteur de création narrative, et ce d’doublement évoque plusieurs caractéristiques de l’écrivain cortazarien. Aborder le sujet du double chez Cortázar implique percevoir que le dédoublement s’illustre à partir d’un souvenir, d’une hallucination vécue par Cortázar. Le double se dévoilant dans les textes devient la conséquence des vécus de l’auteur se déplaçant entre deux rives littérales et métaphoriques. Chez Julio Cortázar l’écriture est catharsis, exorcisme, pulsion, masse narrative en lutte constante: pour et contre l’autre. Le double est figure centrale de nos réflexions, soit comme élément provocateur d’impuissance –rankienne-, soit comme cause des peurs devant la castration –freudienne- (perçue par l’être et le texte), sujets tous extrêmement présents aux études littéraires, et aussi aux analyses psychanalytiques rankiennes, freudiennes, lacaniennes. Analyses psycho-littéraires toujours présentes dans la tentative de description de la formation de l’être, et qui pour notre analyse, deviendront des bases pour la compréhension de la construction textuelle, du passage/construction vers le texte traduit. Il s’agit ainsi d’une analogie ‘être-texte’ singulière qui nous mènera à penser à l’acte de la traduction en tant qu’un sujet spéculaire, un narcisse se désignant, selon Cortázar, ‘en lambeaux des mots’, un pont de langage: d’un être vers un autre, d’une rive vers une autre, d’un narrateur vers son lecteur, d’un narrateur vers le narratif, d’un texte de départ vers son texte double, le texte traduit. Analogie ‘être-texte’ nous ouvrant les portes pour ce jeu de marelle où la première pierre sera lancée depuis le texte de départ afin de vivre la tension créative, ce *coagule* cortazarien, cette *angoisse* lors du passage, cette mimesis, cette identification et refoulement devant l’autre -le double- dans la recherche et la tentative d’atteindre le Ciel: le texte traduit.

Mots clés: Double; Texte; Traduction

Estranhas Ocupações

Mis pasos en esta calle	Meus passos nesta rua
Resuenan	Ressoam
En otra calle	Numa outra rua
Donde	Onde
Oigo mis pasos	Ouçõ meus passos
Pasar en esta calle	Passar nesta rua
Donde	Onde
Sólo es real la niebla.	Só é real a névoa
Octavio Paz ²	Octavio Paz ³

Instruções para entender um duplo

Em entrevista concedida por Julio Cortázar a Ernesto González Bermejo, encontramos o seguinte recorte:

EGB: - A gente começa por onde? Pelo tema do duplo? [...]

JC: - Eu tenho em mim uma espécie de obsessão pelo duplo [...] O tema do duplo é uma das constantes que se manifesta em muitos momentos da minha obra [...] Está em *Uma flor amarela* – onde a personagem se encontra com uma criança que é ele mesmo numa outra etapa – um conto escrito vinte anos depois de *A Distante* [...]

EGB: - E está também em ‘*O Jogo da Amarelinha*’. Talvez os casos mais ilustres do duplo na sua obra sejam os de Oliveira/Traveler e A Maga/Talita.

JC: - [...] É verdade que ao final Oliveira chama Traveler de doppelgänger, sentindo que existe uma espécie de repetição [...] não se esqueçam de que os duplos – não sei se explicitamente em Jung, mas, em todo o caso, nas cosmogonias, nas mitologias do mundo – o duplo, os personagens duplos, os gêmeos ilustres, como Rômulo e Remo, Castor e Pólux, os deuses duplos, são

² PAZ, Octavio. In: *O Jogo da Amarelinha*, 1974, Cap. 149

³ Idem. Minha tradução

uma constante do espírito humano como projeção inconsciente convertida em mito, em lenda.⁴

Partout où j'ai voulu dormir,
 Partout où j'ai voulu mourir,
 Partout où j'ai touché la terre,
 Sur ma route est venu s'asseoir
 Un malheureux vêtu de noir,
 Qui me ressemblait comme un frère.

Alfred de Musset (Poema '*Nuit de décembre*', 1835)⁵

E sempre onde só quis dormir,
 E sempre onde só quis sumir,
 E sempre onde toquei o chão,
 Sempre sentou-se do meu lado,
 Vestindo negro, um desgraçado
 Tão semelhante como irmão.

Alfred de Musset (Poema '*Noite de dezembro*', 1835)⁶

Para compreender a questão fundamental do duplo, na obra de Cortázar, impõe-se analisar os estudos existentes sobre os sujeitos análogos e a presença dessas figuras no

⁴<http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/opin/cortaz4.htm>- *Conversaciones con Cortázar* [Fragmentos] Ernesto González Bermejo. Minha tradução de: EGB: -¿Por dónde empezamos?; ¿por el tema del doble? [...] JC: -Sí, hay en mí una especie de obsesión del doble [...] El tema del doble es una de las constantes que se manifiesta en muchos momentos de mi obra, [...] Está en "Una flor amarilla"- donde el personaje se encuentra con un niño que es él mismo en otra etapa- un cuento escrito veinte años después de "Lejana",[...] EGB: - *Y está también en Rayuela. Quizás los casos más ilustres de dobles en su obra sean los de Oliveira/Traveler y La Maga/Talita.* JC: - Es verdad que, hacia el final del libro, Oliveira lo llama doppelgänger a Traveler, siente que hay una especie de repetición.[...] no se olvide que los dobles -no sé si explícitamente en el sistema de Jung pero, en todo caso en las cosmogonías, en las mitologías del mundo- el doble, los personajes dobles, los mellizos ilustres: Rómulo y Remo, Cástor y Pólux, los dioses dobles, son una de las constantes del espíritu humano como proyección del inconsciente convertida en mito, en leyenda. Grifos meus.

⁵RANK,http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html, p. 6. Rank ilustra e exemplifica o desenvolvimento das reflexões citando poemas de diferentes escritores, eis Musset.

⁶ <http://www.academia.org.br/abl/media/poesia11.pdf>, p. 243.

folclore e na concepção dos mitos. O tópico do duplo remete a épocas antiquíssimas, estando presente em alguns poetas que tentaram revelar o seu sentido. No entanto, podemos entendê-lo, simplesmente, como tradução de: *a ameaça de morte do eu*.

O primeiro texto da tradição ocidental, o *Gênesis*, informa que, a princípio, o homem era um, e que Deus o dividiu em dois. A cisão resultou num enfraquecimento da singularidade e a vida passou a ser uma constante busca pela outra metade perdida. Essa concepção faz-se presente nas religiões tradicionais, com a separação entre alma e corpo. Assim, o homem possuiria uma natureza dupla, estruturada por meio da união de dois elementos diferentes.

[...] Parece que o homem não se aceita como uma unidade. De alguma maneira, sente que poderia estar simultaneamente projetado em uma outra entidade que conhece ou não, mas que existe. Me pergunto [...] se aquelas fantasias de Platão sobre os sexos não têm a ver, um pouco, com isto. Platão se perguntava porque existem homens e mulheres, e acreditava que, originalmente existia só um: o andrógono, que logo se dividiu em dois. O amor seria a nostalgia de todos nós de nos tornarmos andrógenos. Quando buscamos uma mulher, estamos buscando o nosso duplo, queremos completar a figura original. Estes temas reaparecem em múltiplas cosmogonias e mitologias e continuam nos habitando.⁷

Essa dualidade, antítese ou cisão remete, em termos do imaginário, ao fenômeno especular inscrito no duplo: espelhos, duplos e reflexos habitam as lendas, as histórias de magia e as tradições populares, articulando um profundo sentimento de insegurança individual, social ou comunitária. Essa temática faz parte dos temas literários com profundas raízes mitológicas. A noção do duplo, da réplica, perturba e inquieta a identidade, porque testemunha a insuficiência do ser. No imaginário cultural no século XIX -segundo as informações sobre os conceitos mitológicos freudianos acerca do real, da ilusão e da arte, percebe-se que o duplo pertence ao lado escuro do mundo da mitologia e do folclore: representa a dualidade em seu aspecto mais perplexo e sinistro.

O duplo é uma temática vastamente utilizada na literatura alemã do século XIX, representando o humano como um ser dividido entre um 'eu' e um 'alter ego'. Considerado arquétipo e imagem, a representação do duplo parece inicialmente clara e

⁷ <http://www.constelar.com.br/revista/edicao67/cortazar1.htm>. Cortázar - Entrevista.

acessível, embora logo se mostre indefinível e desconcertante. Um exame mais profundo revela, de maneira dramática, sua natureza fluida e enigmática, que escapa de esquemas meticulosamente organizados do real.

O duplo adota diversas formas e manifestações: espelhos, reflexos, sombras de diversos planos, inaugurando imagens deformadas, aparecendo e fazendo alusão aos caleidoscópios de Narciso⁸. A imagem reflexiva e seus poderes têm uma origem bem antiga, como já foi dito, sendo a arte a encarregada de sublimar essa magia que, desde os primeiros tempos do homem e sob mil formas culturais, permite-lhe assumir sua humanidade com recursos ligados permanentemente às conjunções do imaginário. A primeira iniciativa dessa mentalidade mágica é a instauração de um duplo, um sócia, uma imagem-espectro. É um processo anterior à consciência e se reconhece no reflexo ou sombra, projetada no sonho, na alucinação, na representação pintada ou esculpida, fetichizada, totemizada, sublimada nas crenças, cultos e ritos das religiões primitivas.

Sigmund Freud, em seu ensaio dedicado ao estudo do *Estranho* (“Das Unheimliche”, 1919), investiga os sentidos da palavra alemã ‘heimlich’. Verifica que, além da sua referência mais habitual -de pertencente à casa, familiar, doméstico, íntimo,

⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narcisismo>. Narcisismo descreve a característica de personalidade de paixão por si mesmo. A palavra é derivada da Mitologia Grega. Narciso era um jovem e belo rapaz que rejeitou a ninfa Eco, que desesperadamente o desejava. Como punição, foi amaldiçoado a apaixonar-se incontrolavelmente por sua própria imagem refletida na água. Incapaz de levar a termo sua paixão, Narciso suicidou-se por afogamento. Freud acreditava que algum nível de narcisismo constitui uma parte de todos desde o nascimento. O narcisismo, em sua dimensão primitiva, tem a ver com esse momento em que são instauradas no sujeito, através do olhar de terceiros, essas qualidades que o definem para os outros e para si mesmo. Isso tudo é o fundamental do narcisismo para cada um de nós. É através desse investimento externo sobre o psiquismo que vai ser instaurado (no narcisismo primário) um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma. Na melhor das possibilidades, então, constitui-se um campo da ilusão, o da ilusão narcísica: o pequeno sujeito vai passar não só a ser alimentado por uma imagem ao mesmo tempo integrada e de perfeição, mas também vai poder, a partir daí, definir-se, identificar-se, reconhecer-se. Freud define essa imagem perfeita de si mesmo como ‘eu ideal’ - muito embora uma distinção mais precisa desse termo e do ‘ideal de eu’ tenha sido feita posteriormente por outros teóricos. À medida que se constitui essa imagem de si mesmo, esta vai ser cultivada e defendida como uma necessidade de satisfação narcísica. Em última análise, é uma relação de amor consigo mesmo que surge e daí para frente se transformará numa demanda: demanda de ser objeto do amor de um outro. O ego ideal erige-se como uma referência perene no psiquismo, uma ilusão e um modelo que o eu sempre buscará ‘retornar’: uma posição na qual estava a perfeição narcísica e na qual se assenta a ilusão de ter sido amado e admirado sem restrições. Desse modo, o outro será incluído como objeto, à medida que vem satisfazer as necessidades narcísicas do psiquismo. Resulta disso, a necessidade do investimento externo, da mãe, sobre o eu. O eu necessita, primeiro ser tomado como objeto, para que possa ser constituído.

não estranho – o vocábulo se desdobra de tal forma que chega a atingir, no seu limite, o significado de ‘escondido’, ‘algo oculto e perigoso’, habitualmente atribuído ao seu oposto ‘unheimlich’. Na língua alemã, portanto, o conhecido leva consigo o seu duplo (o estranho) a partir da própria palavra que o nomeia.⁹

Quanto ao fenômeno específico do duplo, Freud afirma:

[...] Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um personagem para outro, através do que chamaríamos telepatia, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa [...].¹⁰

A psicanálise discerne significados, agencia significações, constrói sentidos tentando desconstruir as explicações lógicas baseadas na ética e na religião. Vai ao fundo do espírito humano, e busca captar os mais recônditos arquétipos. Narciso, em todo o seu investimento, é uma forma de auto-observação, maneira que o indivíduo tem de manter sua coesão e sua integridade. Aqui entra o duplo, a atividade fantasmática, o retorno da libido (segundo Freud) sobre a própria pessoa, um mecanismo de reversão, como ideal do ego, modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se ou como ego ideal, identifica objetos prestigiados e grandiosos, na busca de um enriquecimento para o eu, na procura do duplo: expressão perfeita e imperfeita, acabada ou inacabada de um sujeito, espelho para medir o ego.

Na literatura, o termo *Doppelgänger*¹¹, ou duplo, é inicialmente introduzido no final do século XVIII. Motivo bastante recorrente, na literatura romântica, tem a função

⁹ FREUD, O Estranho (1919). In: *Obras Psicológicas Completas*. Volume XVII (1917-1919), 1969, p.279

¹⁰Idem, p. 293

¹¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Doppelg%C3%A4nger>. **Doppelgänger**, segundo as lendas germânicas de onde provém, é um monstro ou ser fantástico que tem o dom de representar uma cópia idêntica de uma pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar (como dando uma ideia de que cada pessoa tem o seu próprio). Ele imita em tudo a pessoa copiada, até mesmo suas características internas mais profundas. O nome **Doppelgänger** se originou da fusão das palavras alemãs **dopple** (significa *duplo*, *réplica* ou *duplicata*) e **gänger** (*andante*, *ambulante* ou *aquele que vaga*). Existem muitas controvérsias sobre como esta criatura misteriosa é tratada: uns dizem que ela anuncia maus agouros, enquanto outros ditam que é

de resgatar a mitologia. Um renovado interesse por essas manifestações é preponderante no pensamento dessa época, quando a Filosofia e a Arte reconhecem estar diante de uma crise espiritual de dimensões profundas. Os escritores se caracterizam como aqueles que tentam salvar os conceitos tradicionais, os esquemas e valores baseados na relação de sujeito e objeto, traduzindo a problemática de uma época, a partir do ficcional.

A maior parte dos estudos realizados na Europa, do século XX, sobre o duplo privilegia o ângulo psicológico, a começar pela interpretação psicanalítica de Otto Rank¹² ao relacionar os diferentes aspectos do duplo na literatura com o estudo da personalidade dos autores.

O tema do 'duplo' foi abordado de forma muito completa por Otto Rank (1914), que se baseou nas ligações que o 'duplo' tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da ideia. Originalmente, o 'duplo' era uma segurança contra a destruição do ego, uma 'enérgica negação do poder da morte', como afirma Rank; e, provavelmente, a alma 'imortal' foi o primeiro 'duplo' do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra a extinção tem a sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação [...] O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o 'duplo' inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte.¹³

Segundo as palavras de Otto Rank – em *O duplo* – a sombra inseparável do homem tornou-se a primeira objetivação da alma humana, provavelmente bem antes de o

uma representação acentuada do lado negativo de uma pessoa. No primeiro caso, diz-se que ver o seu próprio *doppelgänger* é um sinal de morte iminente, pois a lenda reza que a pessoa está vendo a sua própria alma projetando-se para fora do corpo para assim embarcar para o plano astral. Em outras circunstâncias, se o *Doppelgänger* é visto por amigos ou parentes, isso é um anúncio de má sorte ou de problemas emocionais que se aproximam.

¹² <http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/otto.html>. Otto Rank (1884-1939) era um estudante de 21 anos, quando encontrou Sigmund Freud. Rank seguiu adiante para fazer um doutorado em psicologia e por fim tornar-se par de Freud, com quem ele forma um comitê secreto e se torna secretário de Freud. Rank via cada pessoa como um artista cuja tarefa final é a criação de uma personalidade individual. Para Rank, o neurótico é um *artiste manqué*, uma pessoa cujo forte impulso criativo é frustrado pelo uso negativo da vontade. Em 1914, ele publica *O traumatismo do nascimento*, propondo uma visão diferente quanto ao *Complexo de Édipo* e afasta-se de Freud. DIALÉTICA RANKIANA: A base para o seu rompimento com Freud foi a visão de Rank de que o trauma do nascimento é mais importante do que o conflito edípico.

¹³ FREUD, O Estranho (1919). In: *Obras Psicológicas Completas*. Volume XVII (1917-1919), 1969, p. 293-294

homem ter percebido sua imagem refletida na água. Foi através da sombra e do reflexo que o homem viu pela primeira vez a sua forma. Posteriormente, representou a sua alma e essa crença primitiva se tornou a origem da crença na alma, sustentada pelos povos da cultura antiga. E salienta, ainda, que o duplo é a própria personalidade (sombra ou reflexo), assegurando sobrevivência futura.

Otto Rank sustenta que o medo da morte nos inspira a inventar a ideia de um duplo: essa obscura réplica de nós mesmos que, segundo se diz, sobrevive num mundo fantasmagórico, ou *outro* mundo. Na visão de Rank, duplicar a imagem do eu é trabalho de uma negação narcisista da ideia de extinção pessoal: “Rank baseia a sua interpretação de todo o tema do duplo na teoria freudiana do narcisismo. [sic] Segundo essa concepção, o duplo representa elementos do mórbido amor por si mesmo que impedem a formação de uma personalidade bem equilibrada.”¹⁴

A vasta abordagem psicanalítica de Otto Rank focaliza o duplo a partir de diferentes pontos de vista: literário, antropológico, biográfico e, fundamentalmente, psicanalítico, abordado a partir do narcisismo e do duplo. Interessante é salientar que Otto Rank desenvolveu pesquisas psicanalíticas como assistente de Sigmund Freud, porém as visões artísticas e literárias imprimem traços peculiares no desenvolvimento científico-discursivo e psicanalítico rankiano. Portanto, em *O duplo* observa-se uma notória influência e presença das produções literárias dos românticos alemães -aliás, a pesquisa rankiana baseia-se neles. Otto Rank salienta a importância das narrações fantásticas de E.T.A. Hoffman ¹⁵, como fonte inspiradora do filme *O estudante de Praga* (1913, de Hans Heinz Eweres) que inicia a saga de produção literária e fílmica, no que se refere à abordagem do duplo nas suas inumeráveis manifestações. Embora o ensaio rankiano se

¹⁴ RANK, 1996, p. 7-8. Introdução do organizador, Juan Ventura Esquivel. Minha tradução de: Rank basa su interpretación de todo el tema del doble en la teoría freudiana del narcisismo [sic] Según esta concepción, el doble representa elementos de morboso amor por sí mismo, que impiden la formación de una personalidad bien equilibrada.

¹⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Theodor_Amadeus_Wilhelm_Hoffmann. Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822) foi um escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. É um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial. No Romantismo alemão, Hoffmann foi um mestre, o mágico virtuoso da literatura fantástica. Entre suas obras mais conhecidas: *O Homem de Areia* inspirou Freud para o seu estudo *O Estranho*.

fundamente no filme *O estudante de Praga*, o autor ilustra a questão do duplo também a partir de vários escritores europeus. Encontram-se, portanto Jean Paul¹⁶ e *O pavilhão invisível*, Oscar Wilde e *O Retrato de Dorian Grey*; Guy de Maupassant e *Le Horla*; Edgar Allan Poe e *William Wilson*; Dostoiévski e *O duplo*. Observa-se, pois, que a análise do duplo rankiano é apresentada sob diversas imagens: sombras, visões, reflexos, fantasmas, espelhos, vozes-ecos, duplos corpóreos, isto é, duplicações ou réplicas, instaurando, assim, um ponto de partida que nos permitirá desenvolver as figuras da analogia, do original-cópia, tópicos fundamentais nas nossas reflexões.

O psiquiatra Otto Rank analisou os traços psicanalíticos dos autores, na sua pesquisa baseada na literatura, salientando as características das personalidades dos escritores em questão.

Não é o nosso objetivo pesquisar [...] a vida e a obra dos escritores que aqui nos interessam. Pretendemos apenas mostrar que uma seção transversal de determinada parte da sua constituição psíquica poderia revelar as coerências complexas de certos traços característicos, dos quais provêm reações psíquicas idênticas. O traço principal que compartilham os autores, que nos interessam, é muito evidente: eles [...] eram personalidades decididamente patológicas que, em mais de um sentido, ultrapassavam o limite da conduta neurótica, ou aspectos que seriam permitidos para o artista. Sofriam, de uma maneira evidente, de perturbações psíquicas ou de doenças neurológicas, e durante a vida demonstraram uma notável excentricidade de conduta, seja no uso do álcool, de narcóticos, ou nos relacionamentos sexuais, com ênfase especial, neste último caso, no anormal.¹⁷

Ao longo do texto *O duplo*, Rank desenvolve a ideia da literatura como tradução e reflexo da personalidade dos narradores e a ilustra sob seu ponto de vista, a partir de exemplos das vidas dos autores e das análises de trechos significativos das narrativas. Traz, então, numerosos comentários sobre as extravagâncias de Poe e de Maupassant, e também as particularidades da psique de Hoffman: “sabemos que sofria de alucinações,

¹⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Paul. Jean Paul (1763—1825), pseudônimo de Johann Friedrich Richter, foi um escritor romântico alemão muito admirado na sua época.

¹⁷ RANK, 1996, p. 51-52. Minha tradução de: No tenemos el propósito de investigar [...] la vida y la obra de los escritores que aquí nos ocupan. Sólo pretendemos mostrar que una sección transversal de determinada capa de su constitución psíquica podría revelar las coherencias complejas de ciertos rasgos característicos, de los cuales resultan reacciones psíquicas idénticas. El rasgo principal que comparten los escritores que nos interesan resulta bastante evidente: ellos [...] eran personalidades decididamente patológicas, que en más de un sentido desbordaban inclusive el límite de la conducta neurótica en otros aspectos permitida al artista. Sufrían – y de manera evidente- de perturbaciones psíquicas o de dolencias neurológicas y mentales, y durante su vida demostraron una notable excentricidad de conducta, ya sea en el uso del alcohol, de narcóticos, o en las relaciones sexuales, con un acento especial, en este último caso, en lo anormal.

de delírios de grandeza e de ideias compulsivas; tudo isso ele gostava de descrever nos seus escritos”¹⁸. Tornam-se notáveis as deduções de Rank quanto ao escritor Jean Paul, que temia enlouquecer, e teve que enfrentar graves traumas psíquicos na sua luta pela expressão criadora.

Um fator central dos seus conflitos psicológicos é a sua relação com o seu *eu*. O seu biógrafo Schneider evidencia a importância deste [o seu *eu*] para as perturbações mentais de Jean Paul, e para as suas personagens literárias: “Jean Paul conta, como uma das suas lembranças mais significativas da sua infância, que a intuição ‘eu sou um eu’ apareceu quando criança, como um relâmpago; e a partir daí, foi uma brilhante imagem que se erguia diante dele... Durante a sua permanência em Leipzig, essa potente percepção do seu próprio eu se impôs diante dele como um espectro aterrador” [...] ¹⁹

Rank aborda esses traços psíquicos dos diferentes escritores a partir de uma análise pormenorizada dos seus comportamentos, enfatizando como esses aspectos, tão particulares, definem a produção literária de todos eles. O fato de Rank salientar a aparição ou desdobramento do eu como figura e motor de criação narrativa, torna-se evocativo de várias das características do narrador cortazariano.

Ao abordar a problemática do duplo em Cortázar, o tema do desdobramento do eu pode-se ilustrar a partir de uma lembrança – vivência de alucinação (e desdobramento) de Cortázar. A título de esclarecimento vale analisar esse tópico, por meio de diversos parágrafos de entrevistas concedidas por Cortázar, no sentido de exemplificar e confirmar a teoria rankiana.

AB: Para muitos, escrever é um ato de exorcismo. No seu caso, algum conto ou romance teve essa função?

JC: Uma boa parte de meus contos nasceu de estados neuróticos, obsessões, fobias, pesadelos. Nunca pensei em ir ao psicanalista. Fui resolvendo meus tormentos pessoais à minha maneira, quer dizer, com a minha máquina de escrever e com esse senso de humor, condenado pelas pessoas sérias. Então, mais que um conto ou um romance, o meu ato de exorcismo é o fato mesmo de escrever. [...] Vivo como habitado pelo imaginário, que se sobrepõe ao que me

¹⁸ RANK, 1996, p. 52. Minha tradução de: [...] sabemos que sufría de alucinaciones, delirios de grandeza e ideas compulsivas, todo lo cual gustaba de describir en sus escritos. [...]

¹⁹ Idem, p. 53. Minha tradução de: Un factor central de sus conflictos psicológicos es su relación con su yo. Su biógrafo Schneider señala la importancia de éste para las perturbaciones mentales de Jean Paul, y para sus personajes literarios: “Jean Paul relata, como uno de sus recuerdos más significativos de su infancia, que la intuición ‘yo soy yo’ le surgió, de niño, como un relámpago; y desde entonces siguió siendo una brillante imagen que se erguía ante él... Durante su estadía en Leipzig, esa potente percepción de su propio yo se le impuso como un espectro aterrador” [...]. Grifos meus.

rodeia, modifica-o e o desloca. É um sentimento maravilhoso e inquietante ao mesmo tempo, um período no qual se acumulam as *coincidências*, e os *encontros*, como se o livro e a realidade exterior se invadissem mutuamente até o dia – sempre triste para mim – do ponto final.²⁰

Numa outra entrevista concedida ao escritor uruguaio Omar Prego²¹, a conversa aborda o conto *Axolotl*²², focalizando a temática dos traços obsessivos da personalidade de Cortázar, como fonte de inspiração literária:

[...] Isso é uma experiência da vida cotidiana. Fui para o Jardin des Plantes e o visitei – gosto dos zoológicos – e, de repente, numa sala como a que se descreve no conto, muito vazia e na penumbra, vi o aquário dos axolotl e fiquei fascinado. E comecei a olhar para eles. Fiquei meia hora olhando, porque eram tão estranhos que, no início, pareciam mortos, quase não tinham movimentos [...] Sei que num dado momento, nessa intensidade com a qual eu os observava, foi o pânico. Então, dei as costas e fui embora, rapidamente, sem perder nem um segundo. Coisa que não acontece no conto. No conto, o homem está cada vez mais fascinado e vai e volta, até que a coisa muda e entra no aquário [...] Porém, a minha fuga, naquele dia, foi porque, naquele momento, senti o perigo. [...] E então: fugir. E fugi. E isso é absolutamente certo; um pouco ridículo, mas totalmente certo: nunca voltei para o aquário do Jardin des Plantes, nunca vou me aproximar daquele aquário.²³

²⁰ <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cortazar/barnechea.pdf>. Minha tradução de: AB: Para muchos, escribir es un acto de exorcismo. En su caso, ¿algún cuento o novela ha cumplido esa función? JC: Una buena parte de mis cuentos han nacido de estados neuróticos, obsesiones, fobias, pesadillas. Nunca se me ocurrió ir al psicoanalista; mis tormentas personales las fui resolviendo a mi manera, es decir, con mi maquina de escribir y ese sentido del humor que me reprochan las personas serias. Entonces, más que un cuento o una novela, es el escribir mismo mi acto de exorcismo. [...] Vivo como habitado por lo imaginario, que se superpone a lo que me rodea, lo modifica y lo desplaza. Es un sentimiento a la vez maravilloso e inquietante, un periodo en el que se acumulan las *coincidencias*, y los *encuentros*, como si el libro y la realidad exterior se invadiesen mutuamente hasta el día –siempre triste para mí— del punto final

²¹ <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>. *Los cuentos: un juego mágico*. Charla con Omar Prego.

²² CORTÁZAR, Julio. *Axolotl*. In: *Final del juego*, 12a. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1971, pp. 161-8.

²³ <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>. *Los cuentos: un juego mágico*. Charla con Omar Prego. Minha tradução de: [...] Eso es una experiencia de la vida cotidiana. Yo fui al Jardin des Plantes y lo visité -a mí me gustan los zoológicos- y de golpe, en una sala como la que se describe en el cuento, muy vacía y muy penumbrosa, vi el acuario de los axolotl y me fascinaron. Y los empecé a mirar. Me quedé media hora mirándolos, porque eran tan extraños que al principio me parecían muertos, apenas se movían [...] Sé que en un momento dado, en esa intensidad con que yo los observaba, fue el pánico. Es decir, darme vuelta e irme, pero inmediatamente, sin perder un segundo. Cosa que, naturalmente, no sucede en el cuento. En el cuento el hombre está cada vez más fascinado y vuelve y vuelve hasta que se da vuelta la cosa y se mete en el acuario [...] Pero mi huida, ese día, fue porque en ese momento sentí como el peligro [...] Y entonces huir. Yo huí. Y esto es absolutamente cierto; será un poco ridículo pero es completamente cierto: jamás he vuelto al acuario del Jardin des Plantes, jamás me voy a acercar a ese acuario.

A escrita como catarse, exorcismo, pulsão, massa narrativa em constante luta: contra e para outro. Duplos em briga mortal, ou em metamorfose infatigável, criando tensão discursiva, justificativa para uma literatura fantástica que se filtra no cotidiano.

No que diz respeito à vasta produção dos diferentes autores analisados, Rank encontra explicação da ânsia e da necessidade ficcional, salientando a presença do duplo, ao focalizar *a disposição patológica para as perturbações psicológicas condicionada pela divisão da personalidade*.²⁴ Observa-se, portanto que o elemento do duplo é figura constante.

Trata-se das estranhas representações do duplo como espelho, como sombra, imagem de espelho ou retrato, cuja avaliação significativa não conseguimos entender muito bem, embora a acompanhamos, em termos do emocional. No escritor, como no seu leitor, aqui parece vibrar em forma inconsciente um fator *sobre-individual*, que produz nesses motivos uma misteriosa ressonância psíquica.²⁵

Julio, os seus solilóquios narrativos

Num sem-número de manifestações, em entrevistas e ensaios, Cortázar nos informa sobre as suas vivências durante o ato de produção narrativa, sobre os quais já foram mencionados certos aspectos.

Observa-se em Cortázar a escrita como pulsão, laço comunicante entre narrador e discurso/leitor, mimese e experiências de fusão e metamorfose com as personagens que habitam os seus contos; produção como experiência *alucinante que se instala desde as primeiras frases para fascinar o leitor [...] arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora*.²⁶

Construção textual *avassalando* narrador e leitor.

Em todo caso, tive vontade de escrever muitos contos, inclusive, em alguns relativamente longos, como *Las armas secretas*, a angústia onipresente, ao longo

²⁴ RANK, 1996, p. 68. Minha tradução de: La disposición patológica hacia las perturbaciones psicológicas está condicionada en gran medida por la división de la personalidad

²⁵ Idem, p. 69. Minha tradução de: Son las extrañas representaciones del doble como espejo, como sombra, imagen de espejo o retrato, cuya evaluación significativa no entendemos del todo, aunque podamos seguirla en términos emocionales. En el escritor, lo mismo que en su lector, aquí parece vibrar en forma inconsciente un factor sobre individual, que otorga a estos motivos una misteriosa resonancia psíquica.

²⁶ CORTÁZAR, *Valise do cronópio*, 1974, p. 231

de um dia todo, me obrigou a trabalhar obstinadamente até terminar a narrativa e só então, sem cuidar de relê-lo, descer à rua e *caminhar sozinho, sem ser mais Pierre, sem ser mais Michèle*.²⁷

A escrita cortazariana acarreta presença e rechaço das *criaturas invasoras* na construção narrativa: pavor e fascínio do duplo – *criaturas invasoras* – exorcismo e repulsa, visando paradoxalmente a *existência universal, ao mesmo tempo em que as situa no outro extremo da ponte*²⁸. Julio Cortázar vai se filtrando nas nossas inquietações, nos propondo os seus parâmetros criativos numa tentativa de compreensão da gênese fantástico-narrativa, olhando para *as duas margens*, temática de base dessas reflexões.

Julio, as suas errantes duplicações

Talvez seja exagero afirmar que todo conto breve plenamente realizado, e em especial os contos fantásticos, são produtos neuróticos, pesadelos ou alucinações neutralizadas mediante a objetivação e o traslado a um meio exterior ao terreno neurótico; de toda forma, em qualquer conto breve memorável se percebe esta polarização, como se o autor tivesse querido desprender-se, o mais rápido possível e da maneira mais absoluta da sua criatura, exorcizando-a do único modo que lhe é permitido fazê-lo: escrevendo-a.²⁹

Cortázar explica-se e nos esclarece a questão rankiana a partir da sua ótica de contista do fantástico, salientando o ato de criação literária como uma fase de produção, na magia da escrita.

[...] certa gama de contos nasce de um estado de transe, anormal para os cânones da anormalidade corrente, e que o autor os escreve enquanto está no que os franceses chamam um *état second*. [...] Não faltará quem julgue que exagero esta noção de um estado ex-orbitado como o único terreno onde possa nascer um conto breve, [...] me refiro a narrativas onde o próprio tema contém a 'anormalidade', como os [...] de Poe [...] Como descrever a atmosfera que antecede e envolve o ato de escrevê-lo? [...] sem aviso prévio [...] *é um conto*, uma massa disforme, sem palavras, nem rostos, nem princípio, nem fim, mas já um conto [...] há uma espécie de *um grande coágulo* [...] há *a angústia* e a ansiedade e *a maravilha*, porque também as sensações e os sentimentos se contradizem nesses momentos, escrever um conto assim é simultaneamente *terrível e maravilhoso* [...] E então a massa negra se aclara [...] o que provocou a

²⁷ Idem, p. 231. Grifos meus.

²⁸ CORTÁZAR, *Valise do cronópio*, 1974, 230

²⁹ Idem, p. 230

obsessão, o coágulo abominável que era preciso *arrancar em tiras de palavras*.
[...]³⁰

Cortázar escreve criando pontes entre o narrador e o narrado, entre o narrador e o leitor, já que para ele existe uma *ponte* que os precede: a ponte de uma linguagem “indo de uma vontade de expressão à própria expressão. Ao mesmo tempo essa ponte me separa, como escritor, do conto como coisa escrita, a ponto de a narrativa ficar sempre, após a última palavra, na outra margem”.³¹

Surge, então, a linguagem estabelecendo pontes discursivas, delimitando margens, criando contos, fantasiando o duplo, vivenciando personagens literários e corpóreos, indo sobre a ponte a partir de um ser de palavras/linguagens, para um ser textual. Indo para o texto, o duplo.

O duplo é figura central de nossas reflexões, seja como elemento provocador de impotência (segundo o já desenvolvido na vivência – rankiana – assustadora diante do duplo), seja como causa de insegurança diante à castração freudiana (percebida pelo ser e o texto). Todas essas temáticas estando extremamente presentes nos estudos literários, como se pode apreciar ao longo das nossas observações, mas também nas abordagens psicanalíticas tanto rankianas, freudianas, quanto lacanianas: análises psico-literárias sempre numa tentativa de descrição da formação do ser, e que para a nossa análise se tornam bases-justificativas e ponto de partida para a compreensão da construção textual, da passagem/construção (textual) de um texto (o original) para o seu duplo (o traduzido). Analogia ‘ser-texto’ singular a ser abordada e ilustrada nos capítulos seguintes e que nos abrirá as portas para esse jogo de amarelinha, no qual a primeira pedra será jogada a partir do texto de partida, para vivenciar a tensão criativa, *esse coágulo* cortazariano, essa *angústia* na passagem, essa mimese, essa *identificação e repulsa paradoxais* diante do outro – o duplo – na procura e na tentativa de atingir o Céu: o texto traduzido.

De um conto [*de uma tradução*] assim se sai como de um ato de amor, esgotado e fora do mundo circundante, ao qual se volta pouco a pouco com um olhar de surpresa, de lento reconhecimento, muitas vezes de alívio e tantas outras de resignação. O homem que escreveu [*que traduziu*] esse conto [*essa tradução*] passou por uma experiência ainda mais extenuante, porque de sua capacidade de transvasar a obsessão dependia o regresso a condições mais toleráveis; e a tensão

³⁰Idem, 1974, p. 233-234. Grifos meus.

³¹CORTÁZAR, **Valise do cronópio**, 1974, p. 230

do conto [*da tradução*] nasceu dessa eliminação fulgurante de ideias intermédias, de etapas preparatórias, de toda uma retórica literária deliberada, uma vez que estava em jogo uma operação de algum modo fatal que não tolerava perda de tempo. [...]³²

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. Axolotl. In: **Final del juego**, 12a. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1971

_____. **O Jogo da Amarelinha**. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

_____. **Valise do cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FREUD, Sigmund. O Estranho (1919). In: **Obras Psicológicas Completas**. Volume XVII (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, 1969. Trad: Eudoro Augusto Macieira de Souza.

PAZ, Octavio. In: **O Jogo da Amarelinha**, 1974, Cap. 149

RANK, Otto. **El doble**. Argentina: JVE Psiqué, 1996.

_____. Don Juan et le Double (1932). Études psychologiques (1932). Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1973. Versão eletrônica: http://classiques.uqac.ca/classiques/rank_otto/don_juan/don_juan.html.

Documentos eletrônicos

CORTÁZAR, Julio. **Conversaciones con Cortázar** [Fragmentos] Ernesto González Bermejo. In: <http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/opin/cortaz4.htm>-

CORTÁZAR, Julio. **Los cuentos: un juego mágico**. Charla con Omar Prego. In: <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>.

³² CORTÁZAR, **Valise do cronópio**, 1974, p. 231. Grifos meus.

CORTÁZAR, Julio. Entrevista Revista Constelar. In:

<http://www.constelar.com.br/revista/edicao67/cortazar1.htm>.

CORTÁZAR, Julio. Entrevista Barnechea. In:

<http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cortazar/barnechea.pdf>

HOFFMAN, Ernst Theodor Amadeus Wilhelm. In:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Theodor_Amadeus_Wilhelm_Hoffmann. ErnstTheodorAmadeus.

RANK, Otto. *Classiques_des_sciences_sociales/index.html*, p. 6.

In: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Narcisismo>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Doppelganger>.

<http://www.academia.org.br/abl/media/poesia11.pdf>, p. 243.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Paul. Jean Paul

<http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/otto.html>.

Recebido em: 02 de outubro de 2016.

Aceito em: 30 de novembro de 2016.